

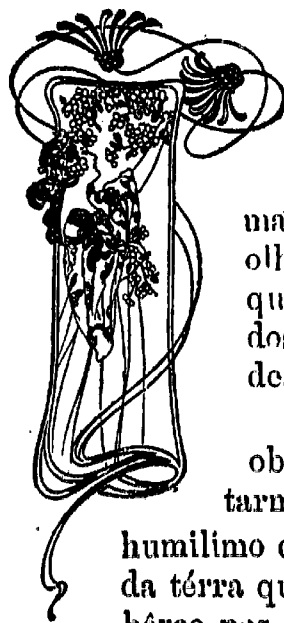
Revista Genuinamente Patriótica !
De propaganda ás belêsas da praia da Povoá de Varzim

N.º 15 — 4.º ano — 1915

Director, proprietario e editor,
João Agostinho Landolt

2.ª quinzena de Maio

A nossa Praia.—Devêres de todos.



Por muito que se tenha dito o escrito sôbre as belêsas da nossa praia, não é de mais encarce-la aos olhos dos hospedes que nos visitam e dos estranhos que a desconhecem.

A par da nossa obrigação, em prestarmos gratamente o humilimo concurso a favor da térra que nos serviu de bérço nos cabe tambem o imperscritivel dever de avolumarmos dia a dia o melhor auxilio na defêsa dos seus interesses, na necessidade duma propaganda côrta e aturada, na distribuição de alvitre tendentes a aproveitar essa

propaganda, e na métodisação dos processos bem organizados para uma relativa confiança no dia de amanhã.

Não podemos estacionar porque a menor paragem na senda do progresso enérva-nos a acção e embota o sentimento combativo de lutadores pelo nosso ideal patriótico.

Porisso todos os momentos de indecisão ou descanço férem profundamente o dinamismo desta vida canceirosa de pugnar pela nossa praia, de olhos fitos na adoravel missão que a todos cabe neste prélio ardoroso de combatentes.

Ha muito quem pense que só ás commissões administrativas, como entidades officiais, deve estar affécta a organização dos serviços pu-

do pelo mundo fóra as belêsas deste canteiro de rosas, as excellencias désta praia sem rival, onde se sente no ambiente o perfume de uma atmosphêra impregnada das imanações dos algares d'agua do incomensuravel oceano, que enche o organismo de vida nova e rejuvenescedora.

Nós aqui, com o Quím Tenreiro á frente!—quanta falta nos faria este clarim de guérria pelas térras brazileiras, a levar-nos pelos sertões selvagens e pelas virgens florestas, onde ainda não chegou o éco do seu gríto patriótico, que é clamar pelas auroras rútilas do progresso e da civilisação—*Pela Povoá!*

Com tão dôce companhia, sejamos os livres constructores désta Povoá modérna, os arautos das suas belêsas, os fanáticos do seu progresso, os propagandistas constantes e incansaveis da sua inegalavel praia de banhos, tão linda nos seus madrigais, tão béla na sua formosura, tão encantadora, tão seductora e tão arrebatadora nas suas gracios mauciras e pondunorosos donaires.

Tenreiro Junior, tomando como lição proveitosa aquéla brilhantissima pagina da nossa Historia, em que a heroica Filipa de Vilhena armava seus filhos cavaleiros, avança na sua montada, não com armaduras de aço e lança em riste, mas levando por timbre ao peito o brazão da sua térra estremecida, esse brazão de Varzim tão nobre e historica; toca no seu clarim o cantico da Fama, e rompe com espóras d'ouro, entre a Európa e a América, levando nas fraldas do seu simbolo as côres vermelha e branca da sua patria!

E então nêssa tão nobre jornada, com o cantar guerreiro da *Marcha Póveira*, deve-lhe ser consolador ao coração, o sentimento de amôr pela linda Povoá de Varzim!

E se as rivais congêneres da Povoá sua amada, sentirem no seu solitario hárém os remórsos da inveja despedindo chispas de fogo pelo seu sacrosanto baírrismo,

«Seja o éco duma afronta
o sinal de resurgir!»

J. L.



EM „POCHADE”

Homenagem a Rocha Peixoto

ESTIVÉRAM aqui, ha dias, o distinto pintor sr. Antonio Carneiro e o sr. dr. Eduardo Pimenta, do Porto, que viéram conferenciar com alguns representantes da Camara, sobre a fórma de se levar a efeito uma manifestação de saudade ao inolvidavel scientista Rocha Peixoto, colocando o seu retrato na sala das sessões do senado, em téla artistica daquêlo laureado professor de pintura.

Sómos dos primeiros, por devêr de cortezia, a aceitar, reconhecidos, essa tão nobilissima ofórta, que vem testemunhar o quanto Rocha Peixoto era querido, e lamentamos que não haja

ainda um testemunho público que patenteie, a quem nos visita, o amôr que tributamos ás nossas glorias.

Na Camara existe um projecto de obelisco monumento aos filhos illustres da Povoá, bem como numa das suas sessões foi deliberado collocarem-se retratos que perpetuassem a memoria de povoenses de vulto, mas infelizmente nada disso se vê.

E' preciso virem os de fóra dar valôr ao que é nosso, por a Camara Povoense não saber cumprir os devôres cívicos que o seu cargo lhe impõem.

Passêmos um traço nêgro sobre essa ingraticidão, e beijamos as mãos dos distintos admiradores de Rocha Peixoto, que, duma fórma gentil, para com a nossa terra, lhe offercem uma téla artisticamente pincelada por um mètre na pintura.

Árgua.

28 de Maio—15.